

# A Amazônia de Euclides da Cunha

Ernesto Renan Freitas Pinto

• O projeto literário de Euclides da Cunha sobre a Amazônia foi interrompido por sua morte trágica. É certo, entretanto, que o conjunto de seus escritos sobre a região modificou completamente o modo de descrevê-la e interpretá-la. Em primeiro lugar, porque ela passa a ser vista como parte essencial e ao mesmo tempo problemática da identidade brasileira. Em segundo, porque ela passa a ser representada do ponto de vista dos trabalhadores que vão ocupá-la no processo de expansão dos seringueiros, vindos do Nordeste.

Seus escritos sobre a Amazônia — reunidos sob os títulos “À margem da História”, “Contrastes e confrontos”, “À margem da geografia” e em parte substancial de sua correspondência — contribuíram para um novo modo de abordar a região. Seu inconfundível estilo, embora nesse caso mais contido, de qualquer maneira enseja uma tendência que se expressa, em diferentes gradações, em toda a literatura de cunho regional (o que aliás nem sempre tem implicado em bons resultados). A recepção de sua obra deu origem também a uma espécie de culto conservador e retórico que permanece forte até o presente.

Embora à sombra de “Os Sertões”, seus estudos e ideias sobre a Amazônia contribuíram para reafirmá-lo como um dos mais importantes intérpretes do Brasil. Euclides questionou o progresso que se identificava como essencialmente urbano e a República como capaz de nos libertar de nossas heranças oligárquicas, patriarcais e da escravidão, expressando uma descrença crescente em relação ao nosso futuro.

Sua obra de jornalista e escritor é marcada por esse comprometimento com o Brasil rústico, primitivo, segundo suas palavras. Ligação que se identifica com a ideia modernista de que só reencontraremos nossas identidades profundas em nossa geografia desigual e em nossa história entrecortada pela herança de nosso passado patriarcal, do qual precisaríamos nos livrar. É nas nossas regiões mais primi-

dores de nossa condição de povo à margem da História.

Essa convicção contrasta com sua formação intelectual de engenheiro, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que teve a vida marcada por posicionamentos relacionados com a política do centro do poder.

A Amazônia constituiria assim, para ele, uma das chaves para a compreensão e a redefinição de nossas perspectivas futuras. E certamente o que deixou escrito sobre a Amazônia deve ser considerado sob o aspecto de que o destino do Brasil e do povo brasileiro está comprometido com o destino que pudermos conferir a essa parte tão marcante de nossa geografia natural e humana.

Como fizera com o Nordeste em “Os Sertões”, Euclides pretendia escrever uma obra em que abordaria problemas característicos desse sertão ao norte, para o que já esboçara seus traços mais vivos, entre os quais: uma identidade geográfica singular, que envolve uma percepção transnacional de suas dimensões; uma nova concepção geopolítica que redefina os conceitos de fronteira então vigentes; uma abordagem da sociedade regional além de sua dimensão local, para incluir os seus componentes transnacionais. Ou seja, uma percepção da Amazônia não apenas como uma questão restrita ao Brasil.

Na verdade, muito mais do que fruto de sua observação direta, seu conhecimento da Amazônia resulta da leitura ao mesmo tempo ampla e crítica dos autores que lhe antecederam e dos quais reconstrói engenhosamente o pensamento. A título de exemplo, é possível afirmar que Euclides da Cunha contribuiu para recuperar visões fundamentais sobre o vale do Amazonas, como é o caso da obra pouco citada até então, “O tesouro descoberto do rio das Amazonas”, obra do padre jesuíta João Daniel, escrita na prisão, que empreende um vasto inventário da situação da Amazônia do século XVIII.

ERNESTO RENAN FREITAS PINTO



Guilherme Freitas

A imagem comum que se tem hoje de Euclides da Cunha é um pouco como o retrato que ilustra o alto deste texto: um senhor sisudo, de bigode pomposo e olhar circunspeto, quase sempre lembrado como o autor daquele livro longo e difícil sobre uma guerra que o Brasil se envergonha de ter ganhado. O momento que marca os cem anos de sua morte, porém, convida a uma reflexão mais cuidadosa sobre a obra desse escritor que esteve presente em momentos decisivos da história nacional: das lutas pela proclamação da República aos conturbados primeiros anos após a queda do Império; da desastrosa campanha de Canudos, onde descobriu o lado bárbaro dos ideais positivistas que aprendera na escola, às expedições pela Amazônia, que abriram seus olhos para os dilemas de uma região que começava a ser descoberta pelo resto do país.

Nesta página central, os escritores Milton Hatoum e Ronaldo Correia de Brito, o crítico Silviano Santiago e o professor Ernesto Renan Freitas Pinto discutem a influência da obra de Euclides na cultura nacional. O cearense Correia de Brito, autor do premiado “Galiléia”, romance em que se chocam o Nordeste moderno e o mítico, fala sobre a invenção do sertão e do sertanejo por Euclides. Para o escritor, é preciso criar uma nova maneira de olhar o sertão, que rejeite o regionalismo. Santiago analisa a forma como literatura, cinema e teatro se apropriaram dos temas de “Os Sertões”. O crítico lê o romance “A casa da serpente”, de José J. Veiga, como uma versão radical da utopia sertaneja liderada por Antônio Conselheiro.

O amazonense Milton Hatoum, que leu “Os Sertões” pela primeira vez como castigo no colégio, lembra os ensaios em que Euclides vê no seringueiro um trabalhador escravizado. Hatoum lamenta a decadência da tradição do intelectual euclidiano, que percorre o Brasil para entender sua complexidade. E Freitas Pinto comenta a relação do autor com a Amazônia, “parte es-